

**Resenhas Bibliográficas**

**A CIDADE HUMANA - "The Human City",  
de John R. Short (1989), Basil Blackwell,  
USA, 167 pp.**

*Odeibler Santo GUIDUGLI<sup>1</sup>*

Para estudar as cidades, especialmente de uma forma que contribua para seu desenvolvimento integral, é necessário começar por considerar que elas não representam um conjunto de problemas (particularmente materiais), isolados da totalidade da sociedade que com eles está envolvida. Em sentido acadêmico é preciso considerar de forma mais abrangente que a cidade não é uma unidade independente de pesquisa. Por isto, bons estudos urbanos são aqueles que adotam procedimentos adequados de análise desta totalidade que vai muito além dos limites estabelecidos no horizonte de cada uma. Afinal, considerar os problemas habitacionais de Calcutá, a crise financeira de N. York ou a poluição das cidades industriais, sem referências às mudanças que ocorrem na economia mundial e aos valores constantes alterados quer da parte dos habitantes urbanos quer de seus governantes torna qualquer estudo incompleto e inútil.

Considerando estes aspectos temos que a eles acrescentar a dimensão humana como básica para todo o processo de análise. Nesta

---

1 Prof. do Depto. de Geografia - UNESP - Rio Claro.

perspectiva surgem, de maneira crescente, os escritos sobre cidades não mais a partir de considerações da economia, dos governos ou de suas estruturas físicas (tão ao gosto de uma fase significativa da geografia urbana) mas, a partir de uma reflexão conjunta de que se às cidades não são o que se deseja delas o que se pode fazer para torná-las desejáveis e melhores para uma maioria. A dimensão humana torna-se o centro destas reflexões.

São estas questões intrigantes calcadas na perspectiva humana de cidade e na humanista da geografia que caracterizam e dão individualidade ao texto de Short (1989). É importante destacar, neste início de análise, que a perspectiva humanista que marca todo o livro não foi tomada como uma solução em si mesma ou como final das explicações mas sim como ponto de partida para a busca de soluções mais sustentáveis e destinadas às maiorias. Este é um aspecto interessante do livro, o uso da teoria não apenas como explicação mas para a ação na busca de soluções.

Não desejando oferecer soluções e nem se constituir nas explicações últimas para os problemas urbanos o livro assume duas facetas interessantes. Uma primeira relacionada ao fato de oscilar entre o otimismo e o idealismo nas análises das várias questões urbanas. Este é um aspecto importante dadas as inúmeras contribuições que se acumulam no presente em perspectiva totalmente pessimista com relação às cidades e seus futuros. A outra, envolvendo a natureza do objetivo do autor: produzir um livro que pudesse ser considerado completo (tarefa praticamente impossível quando se considera a temática urbana) ou, que levasse apenas à inúmeras discussões e à conseqüente geração de novas questões? Esta última foi a opção desenvolvida pelo autor de forma bastante original.

Estruturado em duas partes além de uma breve introdução o livro está centrado em dois temas básicos: a cidade como uma questão não populacional (a dimensão demográfica assume uma função dependente ou marginal) e, a segunda composta por um conjunto de idéias analisadas a partir de diferentes referenciais teóricos (do liberalismo econô-

mico ao socialismo), considerando então, a cidade como um complexo e relevante tema populacional.

A primeira parte composta de três diferentes capítulos não avalia, a população como sujeito e objeto de todo um complexo processo desenvolvido nas cidades. Esta idéia de exclusão fica caracterizada de forma evidente nos títulos dos três capítulos: a cidade como tema do capital, a cidade como tema dos especialistas (como os arquitetos, urbanistas, economistas, etc) e, a cidade como tema de parcelas de sua população.

No primeiro deste capítulos a avaliação está centrada no fato de termos cidades planejadas (deliberadamente ou não), não para os homens e suas necessidades mas para a tecnologia, o poder, os grandes edifícios, o consumo seletivo, etc. Estabelecendo algumas analogias a partir de diferentes formas de movimento do capital categorizados por ele em ondas ou fases curtas e longas. É interessante destacar que nesta análise o autor não se limita a considerar os diferentes efeitos destes movimentos do capital mas o vê, de maneira crítica, a partir de uma ótica que contempla a ética como referência fundamental indispensável na avaliação de investimentos públicos e privados. Este é um aspecto importante quando associado ao estudo da qualidade de vida.

A cidade como objeto de diferentes profissionais é analisada no segundo capítulo desta parte. Embora surjam referências a outros especialistas a ênfase recai sobre os Arquitetos e Urbanistas os quais, segundo Short, nem sempre atuam como críticos sociais. A criação de melhores cidades demanda, evidentemente, não apenas arquitetos e planejadores mas inúmeros outros profissionais que sejam capazes de se apropriar, de forma adequada, da importância das cidades para a vida humana neste final de século. A importante questão discutida no capítulo não está na diversidade de especialistas necessários para estudar algo tão diverso como a cidade mas sim a de identificar quais propósitos sociais de cada um, como interagem no mesmo cenário e quais os produtos resultantes de suas ações. Há no texto uma interessante crítica de profissões o que é contributivo.

Em “A cidade como tema de população” (o terceiro capítulo desta parte, Short ao invés de efetuar uma análise descritiva da demografia urbana, o que é repetitivo em muitos estudos da mesma natureza, explora as diferentes formas de exclusão dos habitantes urbanos. A idéia central em torno da qual avalia sua questão está justamente na caracterização da cidade como um espaço destinado ao adulto, particularmente homem, especialmente branco e que usa automóvel. O que ocorre aos que fogem deste estereótipo e que compõem a maioria? As diferentes formas de crises da sociedade urbana exemplificam este processo. A redução dos espaços das crianças, das minorias como os negros, a marginalização social e espacial dos idosos, a ignorância do papel das mulheres, etc.

A partir destas constatações é que o autor discute um aspecto relevante que é o da pobreza urbana. É bastante interessante e abrangente a perspectiva como a pobreza urbana foi considerada no texto. Ela não é entendida apenas pela baixa renda mas muito mais pela alienação multifacetada em que uma maioria vive. Mais ainda, pela impossibilidade ou incapacidade de influir naquilo que é relevante para a vida urbana.

A segunda parte do livro - Idéias para a cidade como tema de população - congregando quatro diferentes capítulos representa, no texto, o conjunto de respostas que o autor passa a oferecer aos diferentes problemas urbanos. Sua análise crítica busca identificar diferentes formas para lograr cidades que levem à uma vida mais digna e criativa. É esta a parte mais complexa do livro uma vez que diferentes propostas e idéias são obtidas a partir de, ou remetidas à um elenco significativo de autores que pensaram, direta ou indiretamente, a cidade e suas relações com a população que as habitam.

No primeiro capítulo “Em busca de melhores cidades” - considera aspecto relevante para a análise das diferentes interpretações sobre as cidades, a busca de respostas para a questão: para serem melhores o que as cidades necessitam hoje e para amanhã? Esta questão gera uma outra: como considerar uma cidade boa? Pela sua forma material, pelos avanços tecnológicos que contenha ou, pelas relações sociais mais in-

tegrativas que revela em seu interior? O autor opta por esta segunda via de análise uma vez que a primeira tem sido reiteradamente considerada.

Assim a análise do sentido coletivo da vida e o correlato envolvimento baseado na participação da criação de objetivos e nas suas implementações envolve, na prática, as discussões oferecidas nos três restantes capítulos - Além do Liberalismo; Além do "Welfarismo" e Além do Capitalismo versus Socialismo.

Em, Além do Liberalismo é apresentada uma evolução histórica das teorias liberais embora calcadas em exemplos extraídos, em sua maioria, de autores britânicos. O texto é rico em autores situados em tempos diversos. As idéias tradicionais de Thomas Robes (1588-1679), John Locke (1632-1704) e Adam Smith (1723-1790) relacionadas a visão do liberalismo associado aos direitos individuais são amplamente analisados e contrastadas. Como autor da atualidade Milton Friedman que retoma as idéias de Adam Smith foi também avaliado.

Em sua avaliação, Short procura mostrar as formas de evolução do Liberalismo discutindo as questões do direito, igualdade e eqüidade, todas relevantes na atualidade mas nem sempre consideradas em conjunto. São apresentadas também críticas às considerações sobre as funções redistribuidoras de governos e suas interferências na vida econômica das cidades. É interessante a análise comparativa existente no capítulo envolvendo a questão do público e do privado e do individual versus o social. Todas elas indispensáveis à interpretação da cidade e aos projetos que envolvem organizações de cidades mais humanas. O autor procura evidenciar a contradição entre a cidade onde sua maior parte é pública e a questão dominante, na atualidade, da proteção da propriedade e dos direitos individuais. Este continua a ser um tema controverso para análise num contexto de busca de soluções. Assim, a teoria liberal é criticada por centrar-se na busca de realizações de objetivos pessoais desconsiderando objetivos e realizações coletivas como convém nas cidades.

Odeibler Santo Guidugli

O capítulo seguinte aborda a questão do estado do “Bem Estar Social”. Um conjunto básico de bens e serviços são indispensáveis à vida humana e o estado deve provê-los com base na necessidade e demanda mais que na capacidade do usuário em pagá-los. É esta a imagem do estado do bem estar apresentado pelo autor. A demanda referida merece, no texto, cuidadosa análise uma vez que, na atualidade, a população demanda do estado muito mais que em gerações anteriores.

A questão de uma sociedade mais humana resultante de uma sociedade com mais cuidados representa o cerne da análise feita. O autor defende uma sociedade onde a população não necessita perder sua dignidade e onde cada um tem um posicionamento adequadamente definido e cada criança seja encorajada a desenvolver seu potencial em benefício da comunidade. Sociedade utópica? Não segundo as reflexões do autor.

O último capítulo - Além do capitalismo versus socialismo - face ao caráter de atualidade do tema representa o encerramento das principais idéias do texto. Deve entretanto ser considerado que o livro foi escrito e terminado antes da crise do socialismo real. Assim, algumas das considerações apresentadas perderam sua atualidade pelo menos na contundência com que foram registradas.

O texto contempla, inicialmente, uma análise das linhas tradicionais do debate entre o capitalismo e o socialismo (a anarquia do mercado e a economia planejada, a indústria privada e o poder público como agente econômico, o individual e o coletivo, etc.), onde críticas são feitas a perspectiva de considerar-se, no capitalismo, o crescimento econômico como o meio e o fim do progresso social. Associadamente são analisadas questões referentes a performance de cada sistema e criticadas as formas de medir-se o desenvolvimento de cada um. O Produto Nacional Bruto, por exemplo, avalia uma dimensão da economia mas não mede o bem estar social da população em qualquer sistema.

Nas comparações entre capitalismo e socialismo o autor dá o destaque à questão do emprego/desemprego e às formas equivocadas pelas

quais, em ambos os sistemas, perguntas são feitas envolvendo este problema. Assim, Quantos empregos foram criados? e, Qual o nível do desemprego? não contemplam uma visão social do emprego o que implica também em ignorar-se questões relativas a criatividade do trabalho. Nesta perspectiva, para Short, inexistem grandes diferenças entre o trabalho numa fábrica em Detroit ou Moscou. Isto se se deseja considerar a vida mais humana como referencial de comparação.

Ao final do livro dois tipos de contribuições adicionais são oferecidas ao leitor: um organizado referencial bibliográfico para futuras leituras contemplando temas específicos como cidade e capital, cidade e profissionais, cidade e política, etc., e um referencial bibliográfico com 121 títulos envolvendo planejamento urbano, envelhecimento populacional, governo urbano, crescimento econômico, crise humana, utopias e outros temas abordados no texto.

O livro não é inovador pela temática que contempla: a cidade e os problemas nelas existentes mas, sim pela abordagem dada ao conjunto. Merece destaque a linguagem calcada em parâmetros humanistas para tratar de todos eles. Em resumo, o autor rejeita simultaneamente inevitabilidade da revolução da mesma maneira que a continuação da hegemonia do capital como tem ocorrido. A via para tanto estaria na distribuição de mais poder para todos de tal sorte que as pessoas pudessem ser capazes de tornar suas cidades habitáveis e mais humanas. Como um texto da lavra de um geógrafo afasta-se e muito dos padrões conhecidos dos livros de geografia urbana. Nada de estrutura interna da cidade, de delimitação de zonas comerciais ou de questões sobre circulação intra-urbana mas sim como criar oportunidades de estabelecer economias que sejam as vidas das populações urbanas ao invés de estruturar vidas para seguir economias aleatoriamente estabelecidas como tem ocorrido.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

.....